

# *Determinismo musicoterápico*

## *Notas Introdutórias*

*Jaíra Perdiz de Jesus*<sup>1</sup>

Esta comunicação foi elaborada para o VIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Surgiu das minhas inquietudes como uma principiante na musicoterapia desde 1990, quando de meus estudos, interesse e desenvolvimento na área. Nesta comunicação particularizo minhas experiências vivenciadas em minha formação musicoterápica e em trabalhos por mim desenvolvidos. Discuto o produto sonoro dos grupos musicoterápicos de que participei nas duas situações acima mencionadas. Desta inquietude, sugiro termos novos, como “determinismo musicoterápico”, “psicomusicoterapia” e a idéia de a psicomusicoterapia vir a ser reconhecida como um suporte para a psicoterapia contemporânea.

A música é uma linguagem específica. Possui estruturas, cuja formação não encontra correspondente específico na linguagem verbal. Como a própria música (produto sonoro organizado), a partitura não possibilita uma única interpretação. As interpretações são dadas pelo sujeito que, tomando a linguagem de sinais da partitura, dá significado ao produto musical. Este produto musical, por sua vez, é individual e coletivo simultaneamente, já que identifica seu produtor (autor), porém escapa do domínio exclusivo deste e passa a ter as marcas do intérprete.

Mediante o entendimento da música com uma linguagem, é possível considerar que o produto sonoro de um paciente em musicoterapia traz uma relação significado significante. Desta forma, as várias linguagens simbólicas, como transposição, podem ser utilizadas para a compreensão do produto sonoro.

É a luz do entendimento anteriormente exposto que venho observando o produto sonoro e sentindo a necessidade de viabilizar, por uma nomenclatura, a compreensão do produto sonoro do “setting” musicoterápico. Coloco assim para uma discussão aberta pelo leitor (ouvinte) a denominação *determinismo musicoterápico*.

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação Artística. Habilitação em Música pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente cursando Graduação em Psicologia.

Esta terminologia, que ousou cunhar, emerge de meus estudos sobre o processo musicoterápico e de minhas experiências e observações oriundas de atuação nesta área.

Desde que me interessei pelos conhecimentos musicoterápicos e busquei a minha formação nesta área, tive a oportunidade de estar em diferentes grupos de profissionais da área, com a finalidade de elaborar um trabalho de autoreconhecimento musicoterápico (Musicoterapia Didática). Nestes trabalhos percebi que as pessoas nos grupos, frente aos instrumentos musicais, tocavam-nos revivendo um possível caos sonoro e posteriormente era feita uma organização sonora. A predominância deste produto musical residia em estruturas rítmicas binárias. As canções que apareciam, também como produção musical, eram na sua maioria de ninar e folclóricas, com predominância de intervalos de 3ª, esquema harmônico elementar (I-IV-V) e canções populares com o mesmo tipo de estrutura. O caos sonoro era estabelecido no "setting" musicoterápico, possibilitando reviver a angústia primária ou primitiva, numa possibilidade regressiva no aqui-agora.

No trabalho intitulado "Pesquisa Sonoro-Plástica em Hospital Psiquiátrico" que realizei em Goiânia, nos anos 91 e 92, com pacientes ditos psicóticos, constatei uma produção sonora equivalente àquela encontrada nos grupos de profissionais musicoterapeutas citados anteriormente. As estruturas sonoro-musicais, produto de um caos sonoro revivido pelos psicóticos, mostravam-se semelhantes às expressões identificadas no grupo de profissionais.

Durante o meu curso de Especialização em Musicoterapia, feito na U.F.G. (de 1993 a 1995), tive a oportunidade de realizar meu estágio com diversos adultos dentre os quais pessoas cegas de nascença e outras que perderam a visão após ter um idade cronológica correspondentes à de adulto. Nestes grupos, identifiquei também o estabelecimento de um caos sonoro revivido no "setting" musicoterápico. Nesta produção sonora prevaleciam estruturas rítmicas binárias, canalizando-se para a construção de uma possível organização a partir do ritmo. Assim, em três grupos com características diferentes pude reconhecer um processo musicoterápico com similitudes no seu desenvolvimento.

Minhas experiências levaram-me a uma indagação básica: como denominar na linguagem musicoterápica o fenômeno constatado repetidamente no "setting" musicoterápico?

Encontrei-me em grandes dificuldades. Tive então de recorrer a outra área de conhecimento e utilizei-me de conhecimentos psico-

terápicos. Independente da abordagem psicoterápica, o produto do "setting" musicoterápico sugere-nos uma comunicação regressiva (pré-verbal e não-verbal) que é estabelecida tendo como produto sonoro estruturas rítmicas variadas, prevalecendo-se na maioria delas, o ritmo binário. A essa comunicação regressiva podemos utilizar para compreender o fenômeno, termos como "estruturas", "arquétipos", "figura-fundo", um tipo de memória ainda não estabelecida.

Esta possível comunicação regressiva identificada pode sugerir uma etapa inicial do processo primário de formação da personalidade, possíveis diálogos mãe-bebê / pré-verbal ou até mesmo uma memória intra-uterina quando, de uma simbiose, parte-se para uma estrutura de individuação. Esta comunicação regressiva musicoterápica dá-nos a possibilidade de refletir até sobre os denominados "nós" da doença psicótica. Na minha observação (anos 91 e 92), constatei que os grupos com os quais trabalhei reproduziram sistematicamente ritmos binários elementares, ligados à nossa vida biológica intra-uterina como ou . Por que estas pessoas tocara este ritmo durante 2 anos repetidamente, se não houve intervenção quando de meu trabalho? Esta foi uma indagação levantada por mim.

Minhas experiências conduziram-me a uma certeza (mesmo provisória) que me levou também a outra pergunta. Uma certeza é que o caos sonoro revivido, embora seja angustiante, pode ser um espaço intersubjetivo, no qual psicóticos e neuróticos encontra em igualdade de condições para ser e produzir. Deste modo, a possibilidade de utilizar a linguagem musical apresenta-se igual tanto para os ditos psicóticos como para os ditos neuróticos. Assim sendo, poderá este tipo de "regressão" ser o suporte da psicoterapia contemporânea? Estaremos desenvolvendo a "psicomusicoterapia"? Tudo isto está a sugerir que a construção de uma linguagem musical (ritmo, melodia, harmonia) possa vir a ser a elaboração de um processo primário para o secundário numa linguagem específica diferenciada?

Após formular tantas questões, não posso deixar de reconhecer minhas próprias limitações humanas, assim também, no momento, a limitação de conhecimentos científicos quanto ao determinismo genético, ao determinismo biológico e ao "determinismo musicoterápico", termo que estou sugerindo levando em conta ser o som um elemento estruturante da personalidade.

Coloco assim para uma discussão aberta este termo que surge

de uma necessidade sentida, sobretudo, na minha atividade como musicoterapeuta.

## Bibliografia

- ANZIEU, D. *O eu-Pele*. Casa do Psicólogo Livraria e Editora, São Paulo, 1989.
- BENENZON, R. O. *Manual de Musicoterapia*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1985.
- BENENZON. *O Autismo, a Instituição e a Musicoterapia*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1987.
- BENENZON. *Teoria da Musicoterapia*. Summus Editorial, São Paulo, 1988.
- BENENZON. *Musicoterapia en la Psicosis Infantil*. 1.ed. Paidós, Buenos Aires (Argentina), 1976.
- BENENZON. *Musicoterapia en Psiquiatria*. 2.ed. Barry, Buenos Aires (Argentina), 1972.
- BILEMJIAN, Jaíra P. J. Relatório de Pesquisa. *Pesquisa Sonoro - Plástica em Hospital Psiquiátrico* - ISBN 794 - 80 - 7284 -002 - 8
- BILEMJIAN. Relatório de Pesquisa. *Pesquisa Testificação Sonoro Plástica* - ISBN 7893/85 - 7284 - 001 - X
- BILEMJIAN. Relatório de Pesquisa. *Pesquisa da Influência Sonoro Plástica em Pacientes de Hospital Psiquiátrico* - Registro nº 81.123
- BILEMJIAN. Relatório de Pesquisa. *Deficiência Visual e a Musicoterapia*. Monografia Apresentada no Curso de Especialização em Musicoterapia Trabalho não Publicado - 1993 - 1995
- BION, W.R. *Volvendo o Pensar*. Ediciones Hormé S.A.E. - Editorial Paidós - 4 ed., Buenos Aires (Argentina), 1990.
- WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1975.
- WINNICOTT. *El Hogar, Nuestro Punto de Partida*. 1.ed. Paidós Psicología Profunda, Buenos Aires (Argentina), 1993.
- WINNICOTT. *Exploraciones Psicoanalíticas I*. 1. ed. Paidós Psicología Profunda, Buenos Aires (Argentina), 1991. (1ª reimpressão, 1993)